



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O PAPEL SOCIAL DA MULHER NA MÚSICA ELA É BAMBA

Aldaberon Vieira do Nascimento

Veralúcia de Lima Silva

*Secretaria Municipal de Educação de Lagoa de Dentro - PB, aldaberonvn@hotmail.com.
veralimajp@gmail.com*

Resumo: A sociedade contemporânea é influenciada por diversas manifestações sociais e culturais que caracterizam formas de vida e de comunicação no lugar onde vive. Uma dessas características é a música. Na educação, contudo a música se faz presente de diversas maneiras e em diversos ritmos. A Lei nº 11.769/2008 estabelece a obrigatoriedade do ensino de música nas escolas de educação básica brasileiras. Este trabalho foca numa discussão sobre o papel social da mulher na sociedade contemporânea através da música “Ela é bamba” de Totonho Villeroy. A música mostra a vida da mulher contemporânea que ao longo dos séculos contraria a cultura machista que a rotula como sexo frágil. A Educação é resguardada como um direito igualitário pela Constituição Federal. Algumas pesquisas mostram que a mulher ocupa um espaço no mercado de trabalho com salário inferior ao dos homens mesmo quando desempenham a mesma função. Contudo, há algumas profissões em que as se destacam e ocupam o a primeira posição. Mas isso não indica que este sexo esteja sempre em nível de igualdade. Ainda há muita estrada a percorrer para se ter uma igualdade de gênero com a dignidade estabelecida pela legislação. Entretanto, a luta não para e as discussões de gênero continuam.

Palavras chaves – mulher, sociedade, educação, mercado de trabalho.

Introdução

A questão de gênero encontra sempre alguns obstáculos em seu percurso nos diferentes aspectos: na educação, na saúde, na assistência social, na segurança dentre outros. Na área artística também encontra-se vários pontos onde se pode notar um debate explícito em torno da temática de gênero, como na literatura, nas artes plásticas, na musica etc. Nesse trabalho, a discussão de gênero através da música se deu por ser esta arte uma referência em vários aspectos do cotidiano. Assim, discutir a posição da mulher no contexto social onde esta se encontra inserida a partir da canção de Totonho Villeroy que retrata vários papéis que a mulher desempenha na sociedade é uma forma de provocar um debate onde a mulher se estrutura mostrando que é capaz de atuar no mercado de trabalho ao mesmo tempo em que desenvolve seu tradicional papel de mulher, filha, mãe e esposa e que tais aspectos não interferem na sua atuação profissional. O principal



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

objetivo desse trabalho é analisar os diversos papéis da figura feminina em sua atuação como mulher na sociedade contemporânea. E buscando de forma mais específica: identificar aspectos da atuação feminina no mercado de trabalho; compreender a letra da música como uma referência das múltiplas ações da mulher contemporânea; apontar caminhos que levam ao discurso de gênero no contexto social.

Na primeira parte do texto encontra-se uma breve reflexão sobre a posição social feminina na atualidade a partir de uma composição da MPB que marca a interpretação da cantora Ana Carolina, a canção Ela é bamba.

Já no segundo momento, tem-se uma discussão em torno de uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE que apresenta um reflexo da atuação feminina no mercado de trabalho com as principais profissões de destaque da mulher.

Cada braço é uma viga do país

É notório, atualmente a dinâmica como os(as) jovens vivenciam suas rotinas na sociedade contemporânea. Não só a juventude, mas toda a sociedade é influenciada por diversas manifestações sociais e culturais que caracterizam formas de vida e de comunicação no lugar onde vive. Uma dessas características é a música. Sempre presente na vida das pessoas, a música é responsável por sentimentalizar os estados de espírito das pessoas de diferentes fases ou gerações. Tais gerações são influenciadas, ou como se fala na linguagem musical, são embaladas por diferentes ritmos de canções que marcam(ram) época e momentos da/na vida de diversas pessoas.

Na educação, contudo a música se faz presente de diversas maneiras e em diversos ritmos, considerando a região geográfica brasileira ou o país. A presidência da República sancionou no dia 18 de agosto de 2008, a Lei nº 11.769, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de música nas escolas de educação básica. Tal ato representa um fato histórico para a educação, haja vista a influência musical vivida no Brasil com toda sua diversidade e riquezas de ritmos assolados por todo território brasileiro. Este representa também um estímulo aos(as) estudantes que absorvem música e que já tem contato com essa cultura e proporciona aos que ainda não tem contato direto, a possibilidade de conhecer um pouco desse aspecto da cultura desse e de outros países.

Nesse trabalho visa-se focar a discussão em torno do papel social da mulher na sociedade contemporânea através da música “Ela é



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

bamba” do compositor Totonho Villeroy que ficou conhecida na voz da cantora e compositora Ana Carolina. A música mostra a vida da mulher contemporânea que venceu muitos obstáculos ao longo dos séculos, contrariando uma cultura machista que mistificou a mulher como sexo frágil que servia apenas para acompanhar de forma submissa seu companheiro e cuidar dos filhos e ser tida como dedicada e do lar. Considerando tais aspectos que corrobora com Ana Paula Ferreira, quando diz:

A identidade social da mulher durante séculos foi construída através de um modelo que a sociedade lhes atribuiu de “vida doméstica”, que consolidou as diferentes funções biológicas entre os sexos, em desigualdades sociais lhes conferindo historicamente a exclusão de desempenhar funções no mundo público (FERREIRA, 2007, p. 241).

Para melhor ilustrar a discussão, segue a letra da música gravada por Ana Carolina em 2001 no álbum “Ana, Rita, Joana, Iracema e Carolina”:

Então, vamo lá: Ana, Rita, Joana, Iracema, Carolina
Ra, ra, ra, ra, ra...
Ela é bamba, ela é bamba, ela é bamba...
Ela é bamba, essa preta do Pontal
Cinco filhos pequenos pra criar
Passa o dia no trampo, pau e pau
Ainda arranja um tempinho pra sambar
Quando cai na Avenida, ela é demais
Todo mundo de olho, ela nem aí
Fantasia bonita ela mesmo faz
Manda todas, não erra a mira
Mãe, passista, atleta, manicure, diplomata
Dona da boutique, enfermeira, acrobata
Para bailar
Bamba, ela é bamba, ela é bamba, ela é bamba
Para bailar...
Ela é bamba, essa índia da Central
Vai no ombro um cestinho com neném
Oito quilos de roupa no varal
Ainda vende cocada nesse trem
Toda sexta ela fica mais feliz
Vai dançar numa boate do Jaú
Faz um jeito e já pensa que é atriz
Cada dia inventa um nome
Dora, Isaura, Emília, Teresinha e Marina
Ana, Rita, Joana, Iracema e Carolina
(Ela é bamba, ela é bamba, ela é bamba...)
Laura, Lígia, Luma, Lucineide, Luciana
Quer seu nome escrito numa letra bem bacana
Ela é bala a mestiça, é todo gás
Cada braço é uma viga do país
Abre o olho com ela, meu rapaz
Ela é quase tudo o que se diz
Quando compra uma briga, ela é demais
Vai no groove e não deixa desandar
Ela é pop, ela é rap, ela é blues e jazz
E no samba é primeira linha
Laura, Lígia, Luma, Lucineide, Luciana
Quer seu nome escrito numa letra bem bacana



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Ela é bamba, ela é bamba, ela é bamba...

A música mostra as várias faces da mulher na sociedade contemporânea que vem se desenhando há algumas décadas no Brasil. Desde os tempos mais remotos a figura feminina era tida como uma representante de mulher dedicada e do lar. Não trabalhava fora de casa, era obediente ao pai e ao marido, submissa as decisões masculinas, sem direito a decisões. Há algum tempo, depois de várias lutas por uma posição melhor na sociedade, um novo cenário vem se desenhando após algumas conquistas da classe feminina representada na música de Totonho Villeroy como Ana, Rita, Joana, Iracema e Carolina... passista, atleta, manicure, diplomata, dona da boutique, enfermeira, acrobata. São as diferentes faces da mulher em suas diversas funções que se desdobram com as atividades domésticas que se somam no fim do dia com o papel do lar: mãe, esposa, companheira. Aquela que faz o papel múltiplo que intercala a rotina do lar com a jornada de trabalho do dia a dia. “A luta por posições igualitárias na vida pública, um espaço majoritariamente masculino, fez a mulher alcançar o trabalho fora de casa, sua independência econômica e a fez bem diferente daquela mulher” (ALVES, 2013, p.118) que ocupava apenas os espaços delimitados pelos homens.

Por tantos desdobramentos, a mulher caracterizada como ‘bamba’ é aquela que não bombeia, não foge da luta e mantém-se na batalha por dias melhores de conquistas e glórias. Atuando num espetáculo diário da vida real onde esta protagoniza o papel principal, onde “[...] vão se conflitar, articular ou simplesmente conviver com outras representações [...] nos espaços de convivência dos sujeitos” (ANDRADE, 2008, p. 120).

Quer seu nome escrito numa letra bem bacana

A Educação é resguardada na Constituição Federal como um direito igualitário a todo indivíduo constituído socialmente, portanto “a educação é um instrumento imprescindível para que o indivíduo possa reconhecer a si próprio como agente ativo na modificação da mentalidade de seu grupo, sendo protagonista na construção de uma democracia” (BRASIL, 2013, p. 11).

Como um direito constitucional adquirido e preservado pela legislação educacional, a educação deve primar pela igualdade sobre qualquer aspecto a que se relacione. Assim sendo, a representação dos papéis de gênero se misturam com esse direito quando se faz uma releitura da atuação feminina nos diversos cenários onde estas têm atuação.

Num país de dimensões históricas marcadas por fatos protagonizados por grandes vultos masculinos desde sua colonização, a imagem



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

feminina ainda aparece arranhada pelas ações de cunho masculino, ao que hoje, muitos afirmam ser um ponto crucialmente cultural. Uma vez que “cultura tem sempre uma origem, uma história. Foi sempre construção de alguém. [...] a cultura é sempre histórica, por isso nunca determinada, mas sempre apenas possível” como afirma Guareschi (2005, p. 98).

Na história da educação brasileira sabe-se que a profissão de professor(a) era tipicamente feminina pela relação do cuidar, atividade estereotipada desde o século XIX, sobretudo pelas emblemáticas escolas normais com suas representações e simbologia, segundo as quais compõem as culturas nacionais conforme afirma Hall (2011).

Como nota-se na música de Totonho Villeroy a questão de gênero é muito marcante em todos os aspectos, sobretudo no cultural. Há uma influência na forma como as pessoas atribuem identidades a outros(as) de acordo com o que julgam ser certo ou errado, como pertencente a um ou a outro. Não só profissionalmente, mas como no corpo discente nota-se a presença feminina como maioria nas salas de aulas.

As mulheres foram educadas a serem educadas e obedientes, não necessariamente subservientes, mas registros históricos podem apontar para uma leitura desse estereótipo. A presença de uma maioria feminina nos bancos escolares não significa que majoritariamente esses espaços são tipicamente dirigidos por esta classe. Há cenários onde a figura masculina é redentora das maiores decisões para tomada de ação do sexo oposto, ou seja, a figura do homem ainda permanece como detentora de saberes, como o principal capaz de direcionar, apontar o que as mulheres devem fazer.

A música “Ela é bamba” é uma forma de mostrar para as classes que o importante trabalho da mulher na contemporaneidade não significa especialmente que estas ocupem os melhores cargos e gozem das maiores decisões. Principalmente na política, na economia as grandes decisões passam sempre pelos homens, ou seja, são os homens que continuam deliberando o que as mulheres devem fazer. Mesmo quando estas detêm formação e capacidade para assumir os mesmos cargos que o sexo oposto, elas ainda são indicadas a assumirem os cargos secundários, com menores salários mesmo quando desempenham funções equivalentes.

Um exemplo que retrata isso é a política. Em mais de um século de história de República no Brasil, só neste início de século XXI é que o país foi administrado por uma mulher. Nos Estados, poucos conseguiram essa façanha e nos municípios uma porcentagem pequena também tiveram seus destinos administrativos liderados por mulheres. Isso se deve ao pequeno percentual de vagas garantido por lei para a mulher ter direito de votar e ser

votada mesmo depois de grandes conquistas garantidas



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

por lutas incessantes e a garantia na legislação desde a primeira metade do século passado.

Espera-se, sobretudo que a educação possa formar mentes pensantes e libertadoras que possam lutar por seus ideais e por uma sociedade mais igualitária. Onde a mulher bamba possa gozar de garantias igualitárias em suas atividades quer profissionais, quer do lar, conforme institui a legislação mesmo quando se reconhece que: “Ainda há muito para ser conquistado em termos de respeito à dignidade da pessoa humana, sem distinção de raça, nacionalidade, etnia, gênero, classe social, região, cultura, religião, orientação sexual, identidade de gênero, geração e deficiência (BRASIL, 2013, p. 15)”.

Mesmo quando a mulher é maioria em determinadas profissões com liderança, estas ainda tem seus vencimentos diferenciados dos da classe masculina. Diante disso espera-se que a escola possa formar cidadãos e cidadãs capazes de mudar esse quadro. Onde a mulher possa buscar a igualdade ofertada na legislação tirando-a do papel e exercendo-a na prática. A conquista de salas de aulas mistas é um avanço para a educação, uma vez que defende-se que homens e mulheres devem ocupar e dividir os mesmos espaços. Daí, espera-se que os paradigmas culturais nessa relação de gênero rompa as barreiras e a educação seja a porta de entrada da quebra de tabus nesse processo, como endossa Vianna quando enfatiza

[...] que a análise da qualidade da educação com base nas relações de gênero nos ajude a estabelecer um distanciamento crítico que permita enxergar para além das visões dominantes sobre as relações entre homens e mulheres e os significados masculinos e femininos presentes em nossa sociedade (1997, p. 128).

É isso, a sociedade contemporânea é detentora de uma cultura futurista em determinados aspectos, contudo deve perseverar pelo avanço e reconhecimento da capacidade da mulher que rompe paradigmas enquanto mãe, esposa, filha e avança como as Lauras, Lígias, Lumas, Lucineides, Lucianas... As Mães passistas, atletas, manicures, diplomatas, donas de boutiques enfermeiras, acrobatas... As pretas, índias, mestiças... As várias faces da mulher representada na música interpretada por Ana Carolina quando quebra correntes de preconceitos, mitos, tabus e escreve seu nome numa letra bem bacana.

Metodologia

A metodologia usada na pesquisa mostra como esta foi realizada, que meios foram utilizados e as fontes exploradas para tal fim.

Para a composição desse trabalho considera-se a pesquisa como explicativa em relação aos objetivos, pois buscou-se explorar a música fazendo uma relação com pesquisas oficiais de órgãos públicos. Quanto ao objeto, classifica-se esta



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

pesquisa como bibliográfica, considerando os elementos utilizados: revisão de bibliografias, composição musical, busca a dados oficiais de outras pesquisas apresentadas por outras instituições. Os métodos usados nesta pesquisa foram o Histórico e o Comparativo, uma vez que os dados explorados fazem uma relação com o passado e o presente para explicar fatos que permanecem presentes no contexto social atual como é a relação de gênero e mercado de trabalho. Para isso recorreu-se ao uso da técnica de Documentação indireta, por valer-se de bibliografias e documentos para composição da pesquisa, dentre as(os) quais pode-se citar: Vianna (1997), Guareschi (2005), Andrade (2008) e Hall (2011), e ainda alguns documentos oficiais.

Utilizando-se das referências apresentadas discutiu-se a temática num comparativo cronológico a partir das (re)leituras e análise dos dados colhidos através do referencial teórico apontado.

Resultados e Discussão

Usando a letra da música “Ela é bamba” como referencial para esta pesquisa com o intuito de discutir a posição da mulher na sociedade contemporânea tem-se que a mulher tem uma presença marcante no mercado de trabalho, mesmo quando esta ainda sofre algum tipo de preconceito ao ocupar determinados cargos. Algumas pesquisas de nível nacional demonstram que mesmo ocupando um espaço no mercado de trabalho, em alguns cargos, superiores aos homens, as mulheres ainda tem um salário inferior ao deles.

Em alguns casos as mulheres se destacam mais em alguns cargos do que os homens. Ou seja, há algumas profissões em que a figura feminina se identifica mais com o perfil da profissão. Além disso, tem ainda alguns perfis dessa relação homem-mulher-mercado de trabalho que chamam atenção. Como por exemplo, o perfil educacional da mulher no mercado de trabalho, a jornada de trabalho de cada sexo e a remuneração.

É sabido que mesmo tendo galgado várias conquistas no contexto humano e social, a mulher ainda passa por alguns obstáculos na relação de gênero dentro do espaço ocupado por ambos. Uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, de 2009 mostra alguns dados consideráveis nessa relação de gênero e mercado de trabalho. Um dado



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

dar conta do perfil educacional das mulheres neste espaço de profissional.

De acordo com a pesquisa 61,2% das trabalhadoras tinham 11 anos ou mais de estudo, o equivalente, no mínimo, ao ensino médio completo, enquanto para os homens este percentual era de 53,2%. Em relação à formação de nível superior, as mulheres continuam em destaque. A parcela de mulheres ocupadas com curso de nível superior completo era de 19,6%, enquanto os homens apresentaram um percentual de 14,2%. Nesse grupamento, nos grupos de anos de estudos com menos escolaridade, a participação dos homens era superior a das mulheres, o que indica que as mulheres têm uma formação escolar superior aos homens.

Dentro desse mesmo contexto, no que diz respeito à jornada de trabalho, a pesquisa mostra uma redução de aproximadamente 36 minutos na diferença da média de horas trabalhadas entre homens e mulheres desde 2003. E em 2009, as mulheres trabalharam em média 38,9 horas, uma média inferior a jornada dos homens em 4,6 horas.

Tais dados se referem às seguintes ocupações: administração pública, comércio, construção, indústria, intermediação financeira, serviços domésticos e outros serviços. Dentre essas ocupações, as mulheres trabalhavam menos que os homens em todos os grupamentos de atividade, exceto em Outros Serviços. As demais atividades apresentaram, para as mulheres, um aumento da média de horas trabalhadas. Na Administração Pública, elas trabalharam, em média, 36,4 horas semanais.

Um terceiro dado relevante desta pesquisa é em relação à remuneração. Quem ganha mais, as mulheres ou os homens? Segundo dados, de 2009, da pesquisa, comparando a média anual dos rendimentos, verificou-se que as mulheres ganham em média, em torno de 72,3%, equiparado ao rendimento recebido pelos homens que em 2003, tal percentual era de 70,8%.

Considerando o grau de escolaridade desse grupamento de atividade, a diferença entre os rendimentos ainda persiste. No período considerado pela pesquisa, as pessoas que possuíam em média só o ensino médio (11 anos ou mais de estudo) e as que tinham curso de nível superior completo, a população masculina percebia rendimentos superiores a feminina.

A pesquisa mostra que nos diversos grupamentos de atividade econômica (indústria, construção, comércio, serviços prestados, administração pública, serviços domésticos e outros serviços), a graduação superior aponta uma acentuação nos rendimentos recebidos por homens e mulheres.

Contudo, o que observa-se é que as mulheres, apesar de muitas lutas, ainda tem uma relação financeira inferior a dos homens. Ou seja, a relação homem e mulher é marcada por diferenças em variadas esferas.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Uma outra pesquisa, desta vez, desenvolvida pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – Pnud, em 2016, na mesma relação apresentada pela pesquisa anteriormente, mostra que as mulheres ainda ganham, em média 24% menos que os homens. Entretanto, há uma inversão de valores em algumas profissões.

De acordo a pesquisa Pnud, nos maiores sites de recrutamento, há alguns ofícios em que as mulheres são mais valorizadas que os homens. Dentre os quais destacam-se: Assistente social, Promotora de vendas, Coordenadora de negócios, Terapeuta, Profissional de comunicação e Profissional de educação.

Fazendo uma relação com a música apresentada, as profissões indicadas (Dona de casa, enfermeira, empresária, acrobata, manicure, atleta, passista, diplomata, atriz) não coincidem com as relacionadas nas pesquisas, contudo, há uma ponte entre algumas delas quando se refere a características mais femininas do que masculinas na relação de gênero e mercado de trabalho.

Diante de tais características, vale ressaltar como a mulher é(ra) tida pela sociedade há alguns séculos e permeiam no contexto contemporâneo social em questão. Dessas características algumas são tidas como tipicamente femininas e outras nem tanto. Ou seja, são comuns tanto para mulheres quanto para homens. Foram listadas pela pesquisa as características seguintes: estabilidade emocional, jogo de cintura, facilidade de relacionamento interpessoal e sentimento de coletivismo, boa comunicação e lado materno aguçado. É fato que em algumas profissões as mulheres se sobressaem sobre os homens por interferência de algumas dessas características. Mas não de forma homogênea, uma vez que em determinados casos os homens apresentam características femininas e vice versa.

Mas um ponto que chama atenção nesta relação é a questão do lado materno. Desde as sociedades mais remotas, sobre a figura feminina permeia este lado aguçado da maternidade que é tido como uma das características mais enfáticas das mulheres. O fato de ser mulher e mãe ou propenso papel, aponta esta figura como uma das mais indicadas para atuar como profissional da educação. Haja vista o cuidar e zelar pelo ser humano, o que lhe rende a primeira posição no ranking da jornada educacional.

Diante do exposto, tem-se que mesmo numa sociedade onde a figura feminina é maioria, o que prevalece é masculinidade imposta pelas representações sociais. A figura do macho ainda é mantida como sexo forte e mantedor do domínio sobre a sociedade.

Conclusões

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Diante do apresentado neste trabalho percebe-se como o discurso de gênero ainda provoca situações divergentes a partir do olhar de diferentes sujeitos sociais. Mesmo com muita evolução nos últimos tempos, nota-se que muita coisa precisa ser analisada para conquista de espaços mais inclusivos na sociedade.

Nas artes plásticas, na literatura, na música há vários aspectos onde se demonstram as diversas faces da questão de gênero. Aqui fica claro o papel que a mulher desempenha no cenário social. Na letra da música pode-se observar como a mulher pode superar preconceitos e tabus e mostra como esta se subdivide entre as funções acumuladas no dia a dia.

Contudo, fica explícito quanto é delicada a posição ocupada pela classe feminina no cenário de ocupação masculina com ações divergentes e que provoca uma exclusão desse grupo do mercado de trabalho quando, por exemplo, não valoriza o trabalho desenvolvido pelas mulheres mesmo quando estão em pé de igualdade. Assim, conclui-se que a mulher é capaz de desenvolver várias funções na sociedade mesmo quando recebem um salário inferior ao sexo oposto e que mesmo ocupando uma posição de destaque no cenário social, a classe feminina ainda enfrenta muitos obstáculos diante das conquistas alcançadas no decorrer dos tempos e que mesmo sendo maioria no cenário nacional, são tratadas como minoria.

Referências Bibliográficas

ALVES, Ívia. Feminização das mulheres: infantilidade adulta? In.: SILVA, Antonio de Pádua Dias; RIBEIRO, Maria Goretti. **Rumos dos estudos de gênero e de sexualidades na agenda contemporânea**. Campina Grande. EDUEPB, 2013.

ANDRADE, Sandra dos Santos. Mídia impressa e educação de corpos femininos. In.; LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**. Petrópolis. Vozes, 2008;

As mulheres e as profissões de mais destaque. Disponível em <[http://blog.portalpravalter.com.br/as-mulheres-e-as-profissoes-de-mais destaque/](http://blog.portalpravalter.com.br/as-mulheres-e-as-profissoes-de-mais-destaque/)>. Acesso em 25 de julho de 2016.

BRASIL. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos: 2013. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2013.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Educação em Direitos Humanos: Diretrizes Nacionais – Brasília. Coordenação Geral de Educação em SDH/PR, Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos. 2013.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

BRASIL, **Lei Ordinária nº. 11.769, de 18 de agosto de 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Diário Oficial, Brasília, DF.

BRASIL. Senado Federal. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96. Brasília: 1996.

CAROLINA, Ana. **Ana Rita Joana Iracema e Carolina**. São Paulo: Sony BMG: 2001. 1 disco compact (55:51): digital, estéreo. ABPD.

FERREIRA, Ana Paula Romão de Souza. Mulheres camponesas e a emergência de si: a construção de identidades. In.: MACHADO, Charliton José dos Santos, NUNES, Maria Lúcia da Silva. **Gênero e sexualidade: perspectivas em debate**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.

GUARESCHI, Pedrinho. **Psicologia social crítica: como prática de libertação**. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

Mulher no mercado de trabalho: Perguntas e repostas. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp.pdf>. Acesso em 25 de julho de 2016.

VIANNA, Cláudia. Sexo e gênero: masculino e feminino na qualidade da educação escolar. In.: AQUINO, Julio Groppa (org). **Sexualidade na escola**. São Paulo. Summus, 1997.